

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genève(Suíça), professor do Mestrado e Doutorado em Educação da PUCPR, professor visitante das Universidades de Genève e Fribourg (Suíça) e autor de obras, como “Hegemonia Norte Americana e Educação Protestante no Brasil”, “As matilhas de Hobbes”, entre outras, além de capítulos de livros no Brasil e no exterior, e artigos em revistas especializadas da área da Educação
E-mail:
mesquida.peri@pucpr.br

O DIÁLOGO DE ILLICH E FREIRE EM TORNO DA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE

THE DIALOG OF ILLICH AND FREIRE ON EDUCATION FOR A NEW SOCIETY

Peri Mesquida¹

Correspondência:
Rua Manoel Eufrásio,
403/42 - Juvevê
Curitiba - PR
Cep: 80030 - 440

Resumo

Ivan Illich e Paulo Freire foram contemporâneos e as visões de ambos sobre as bases teóricas e práticas da opressão do povo latino-americano se identificam, mais do que se aproximam. Portanto, se Ivan Illich queria desescolarizar a sociedade para eliminar um aparelho utilizado pelas classes dominantes para manter a exclusão, e propunha a criação de redes de convivialidade, Paulo Freire desejava desescolarizar a educação, substituindo a escola pelos círculos de cultura, lugares de domínio da palavra e de preparação para a práxis transformadora, local, portanto, de união da reflexão e da ação. O sonho sonhado por Paulo Freire da construção de uma sociedade solidária passava necessariamente pela transformação radical do papel da educação; a utopia de Ivan Illich de uma sociedade igualitária visualizava um futuro sem escolas da maneira como elas se apresentavam no presente, pois a escola e a educação que ela veicula existem, segundo Illich, para perpetuar a exploração e a exclusão. Dessa maneira, tanto um quanto outro se aproximavam na crítica que faziam ao sistema capitalista de produção e à maneira como o sistema utiliza os meios de formação de opinião, em especial, a escola/educação, para eternizar a dominação e o poder de uma determinada classe social.

Abstract

Ivan Illich and Paulo Freire were contemporaries, and their analyses of the theoretical and practical bases of oppression in Latin America are similar, rather than convergent. Ivan Illich wanted to deschool society as a means of eliminating a tool used by the ruling classes to maintain exclusion of the majority, suggesting the creation of networks of communities of learners. Paulo Freire also proposed the deschooling of education by

Artigo recebido em:
11/09/2007
Aprovado em:
20/10/2007

replacing schools with culture circles, places for the manipulation of language (words) and for the preparation for a local praxis of reflection and action. Paulo Freire's dream of constructing an egalitarian society involved the radical transformation of the goals of education, while Ivan Illich's utopia of an egalitarian society envisaged a future without schools in the form they took at present, since the school, and education it brought, existed, according to Illich, to perpetuate exploitation and exclusion. Thus, both thinkers strongly criticized the capitalist system of production, and the way in which the system used opinion formers, particularly the school/education, as a tool to consolidate the dominance of power in a specific social class.

Palavras-chave

Escola; Redes de convivialidade; Paulo Freire; Ivan Illich; Círculos de Cultura.

Keywords

School; Networks of learners; Paulo Freire; Ivan Illich; Circles of culture.

Introdução

Esse texto, relatório parcial de uma pesquisa sobre “As epistemologias que fundamentam a teoria da educação de Paulo Freire”, procura refletir sobre o pensamento de Ivan Illich e Paulo Freire, dois autores que viveram na mesma época, dialogaram, aproximaram-se e se distanciaram, mas deram uma importante contribuição para a reflexão sobre a escola e sobre a educação na América Latina. Procuramos, aqui, sustentar a tese de que da mesma maneira que Ivan Illich defendeu a desescolarização da sociedade, Paulo Freire, por sua vez, bateu-se pela desescolarização da educação, tendo como objetivo a libertação do homem e da mulher oprimidos, excluídos do sistema capitalista de produção.

Se Paulo Freire acreditava que os círculos de cultura poderiam substituir a escola e virem a ser *loci* de construção da autonomia e da liberdade, em um ambiente de intercâmbio de saberes e de saber-fazer, Ivan Illich pensava que seria necessário criar redes pedagógicas de comunicação capazes de aproximar os homens e estimular a troca de conhecimento

em um ambiente “convivial” e produtivo. Isso porque, para ele, a escola atual está a serviço do mercado, produzindo consumidores destituídos de crítica e de autonomia, portanto, carentes de liberdade.

Uma tese: A desescolarização da educação

Paulo Freire percebe a educação como comunicação, diálogo, encontro de pessoas que procuram a razão de ser dos acontecimentos (FREIRE, 1977, p. 77), pois, para ele, a educação é diálogo ou não é educação. Mas, Freire une o conceito de educação ao de cultura, sendo esta o resultado da ação criativa do homem, da práxis humana (FREIRE, 1971, p. 109). Para Freire, a educação e a cultura andam juntas em uma relação dialética e prática. Assim, Paulo Freire acredita no homem (livre), enquanto criador de cultura, quando ele constrói novos saberes na práxis pedagógica fundada no diálogo. E a única práxis pedagógica válida para ajudar as pessoas excluídas a não mais se subjugarem à opressão é a ação educativa fundada no diálogo, no qual as figuras de professor e aluno são substituídas pela de educandos, pois, ninguém ensina ninguém, os homens se educam uns com os outros: “O educador não é aquele que somente ensina, mas aquele que, durante a ação educativa, é também educado pelo diálogo com o educando” (FREIRE, 1977, p. 68). E isso não acontece na escola.

Assim, essa educação criadora de cultura, de uma nova cultura, não se identifica com a prática pedagógica “bancária”, desenvolvida na escola, onde o saber é depositado na cabeça do aluno como se o educando fosse um recipiente passivo de conteúdos, mas ela se constrói em um processo de ação coletiva dos agentes educativos. Não se trata mais de uma “pedagogia da resposta”, mas de uma pedagogia alicerçada em perguntas provocadoras de novas questões (a maiêutica de Sócrates), tendo como objetivo a tomada de consciência da opressão, na qual se encontram os educandos, tendo em vista a libertação. Trata-se, pois, de uma práxis pedagógica claramente teleológica. E, se esta prática pedagógica é teleológica, ela tem como motor que anima a esperança de chegar ao

fim sonhado: a libertação. E, a libertação começa pela libertação da escola. Dessa maneira, a libertação é a **utopia** a estimular a ação educativa capaz de transformar a vida dos homens e das mulheres mudando sua visão de mundo e de si mesmos. Esta ação educativa libertadora se realiza pelo diálogo fundado na palavra, pois os oprimidos devem aprender a “dizer, ler e escrever o mundo” (FREIRE, 1977, p. 68: “educação libertadora, fundada em problemas, é a ação de conhecer – de nascer com”). A aprendizagem da palavra possibilita ao homem e à mulher excluídos do sistema capitalista de produção, pensar o mundo decifrando os códigos que os opressores estabelecem para dominar; torna possível, também, a vontade de se comunicarem uns com os outros e de anunciarem a libertação enquanto utopia a se realizar: “a palavra tem duas dimensões: a reflexão e a ação. Assim, a verdadeira palavra é práxis da liberdade” (FREIRE, 1971, p. 72). Portanto, podemos constatar com Paulo Freire, que “a pedagogia do oprimido é uma pedagogia humanista e libertadora” (FREIRE, 1977, p. 41), fundada na reflexão sobre o contexto de exclusão e da situação de opressão na qual os homens e as mulheres se encontram e sobre a ação que os incita a sair desse estado de “escravidão”. Uma obra que não pode ser realizada pela escola atual.

Paulo Freire acredita que a educação, na medida em que ela chega à consciência dos homens e das mulheres, permitindo-lhes conhecer o mundo (saber), pode realizar uma “metanoia”, uma conversão, uma transformação radical. Essa “metanoia” não é somente uma mudança interior, mas uma transformação de concepção de mundo que se exterioriza na forma de práxis libertadora a se materializar fundada na esperança de conquistar uma vida melhor e mais humana. É assim que Paulo Freire pode anunciar a utopia como ação revolucionária: “A utopia é revolucionária porque ela é o anúncio de um mundo que se humaniza” (FREIRE, 1971, p. 43). Portanto, quando pensa sobre a libertação do oprimido, Paulo Freire tem os olhos fixos no futuro. Ele volta seu olhar para o futuro fazendo uma crítica radical do presente, isso porque o “princípio da esperança que anima a utopia faz da crítica do presente [...] o momento decisivo da construção de uma utopia militante e concreta” (FURTER, 1974, p. 152). E, o presente, para Paulo Freire, tem a ver com o modo de produção capitalista e sua teoria legitimadora, o neoliberalismo, que se tornou uma visão social de mundo difundida, em particular, pela escola. O capitalismo é, pois, o inimigo a combater pela ação pedagógica - o capitalismo e os aparelhos que ele utiliza para se

manter como modo de produção dominante. E, é claro, entre esses aparelhos, se encontra a escola capitalista que se tornou um aparelho de opressão (LAVAL, 2003, p. 79).

Portanto, Paulo Freire toma o pensamento utópico como pensamento que se realiza enquanto ação revolucionária e, assim, ele acredita que a prática pedagógica pode também tornar-se revolucionária na medida em que ela se fundamente na esperança militante da conquista da liberdade. E, para conquistar a liberdade, faz-se necessário reconstruir o espaço da ação educativa onde a escola tal como ela existe não teria mais lugar.

Essa maneira de *perceber* a prática pedagógica aproxima o conceito de educação freireano da **paidéia** da Grécia Clássica, em especial da paidéia socrática, conforme nos mostra Platão, na **República** e no **Gorgias**. Isso porque o homem se encontra no centro do pensamento educativo da Grécia Clássica, pois o princípio “espírito dos gregos não é o individualismo, mas o ‘humanismo’ [...] no sentido de *humanitas* [...] que se traduz pela educação do homem segundo a verdadeira forma humana [...] uma forma que se revela nas obras dos poetas, dos filósofos e dos homens da política” (JAEGER, 1989, p. 12). Trata-se do homem livre, dotado de *aretê* (virtude= negação dos determinismos). O mesmo autor afirma que o método da paidéia grega é o diálogo que tem como ideal a *techne*, subordinando o saber a um fim prático: a liberdade (PLATÃO, 1970, p. 332). No tempo de Sócrates a palavra “livre” (*eleluteros*) se opunha a “escravo” (*doulos*). Portanto, a verdadeira finalidade da educação é oferecer ao homem as condições para alcançar o objetivo de sua vida: a *humanitas*. Assim, a “paidéia torna-se um poderoso elemento de resistência na luta do homem em favor da liberdade” (JAEGER, 1989, p. 395).

Da mesma maneira que Sócrates, Paulo Freire concebe o ser humano envolto pela paidéia como aquele que tem consciência do *telos*, da finalidade a alcançar e coloca mãos à obra para alcançar o objetivo. Seu instrumento por excelência é o *logos*, a palavra, a serviço do diálogo e da libertação: o homem e a mulher educados por meio da palavra dotada de sentido e que tem a ver diretamente com as coisas da comunidade, Platão chamava de *logos dialektiké*, isto é, a palavra que se expressa pela dialética, a única capaz de levar o homem e a mulher(o homem oprimido, diria Paulo Freire) na direção da liberdade (JAEGER, 1989, p. 831). Por isso, a liberdade enquanto utopia, é o sonho sonhado que se atualiza

pela ação revolucionária da paidéia metamorfoseada em palavra (logos) anunciadora da libertação. Uma palavra que é também sinal de liberdade. Assim, ela pode ser chamada de *palavra utópica*, como queria Paulo Freire (FREIRE, 1977, p. 122). Uma palavra que se faz vida nos *círculos de cultura*, espaços da educação que não têm nada a ver com a escola capitalista.

Isso significa que a utopia concreta chama a atenção para uma realidade que pode ser transformada pela ação daquele e daquela que passaram pelo processo de “conscientização” e que aprendem a ler o mundo e colocar em ação a palavra transformadora: o *logos* materializado nos círculos de cultura.

Mais ainda: para anunciar é necessário *conhecer*. Assim, o logos torna-se método (de conhecimento), instrumento que ajuda o oprimido, na terminologia de Paulo Freire, a ler o mundo para perceber as bases históricas da opressão.

O engajamento de Paulo Freire na luta pela libertação dos oprimidos se realiza, portanto, pela “paidéia”, isto é, pela pedagogia que se traduz em ensino que vem do oprimido (que tem sua origem no oprimido), ele próprio engajado na luta em favor da liberdade e da justiça estimulada pela utopia fundada na esperança de uma vida melhor em uma sociedade dominada pelo “império” da liberdade. Assim, na medida em que a escola, tal como a conhecemos, está nas mãos dos dominantes no sistema capitalista de produção, ela deve ser substituída por um outro espaço educativo: os círculos de cultura.

Paulo Freire e a educação popular

Paulo Freire optou por se engajar na luta em favor dos humildes, dos excluídos da sociedade, os analfabetos, enfim, em favor do povo. Portanto, é fundamental que a educação torne possível aos oprimidos (excluídos, analfabetos etc.) “pronunciar” o mundo e “anunciar” um mundo melhor para eles e para os outros homens e mulheres (FREIRE, 2002). Assim, Paulo Freire dá grande importância à palavra. Na medida em que a prática pedagógica é uma ação fundada na palavra, a educação e a vida não podem estar separadas. Freire acreditava, pois, que aprendendo as palavras, com seu peso cultural e histórico, o “educando constrói uma

consciência política capaz de ajudá-lo a vencer a opressão”. Para Freire, a conquista da história por aqueles que não têm o direito de se fazerem atores na sua história, passa pela conquista da palavra: “é necessário dar a palavra aos miseráveis para que eles possam pronunciar o mundo” (FREIRE, 1979, p. 62), no sentido não somente de dizer as coisas com convicção e de ser capaz de anunciar o que pensam enquanto uma “boa nova”, mas também “pronunciar o mundo”, no sentido de transformar e o transformando, torná-lo mais humano pela humanização de todos” (FREIRE, 1979, p. 62). Trata-se, portanto, de uma palavra anunciadora da boa nova, mas, também, transformadora. A consciência de si e da realidade dá ao oprimido essa coragem da qual ele precisa para se mostrar ao mundo e para transformá-lo.

A rigor, a consciência do oprimido foi modelada pela concepção de mundo do opressor. Dessa forma, o oprimido adere aos valores, à ideologia (falsa consciência – Marx na **Ideologia Alemã**), aos interesses do opressor, fato que não lhe dá condições de ser livre. A consciência do oprimido abriga a consciência do opressor. A educação pode ser a força libertadora do oprimido – dos oprimidos – pois o “homem não se liberta sozinho” (FREIRE, 1977, p.85), e a educação é, por natureza, comunitária.

Na medida em que a libertação, para Paulo Freire, é também comunitária, os homens e as mulheres se libertam na medida em que se unem uns aos outros (nos círculos de cultura, por exemplo). Assim, os círculos de cultura tornam-se locais de convivialidade onde cada um é responsável por comunicar ao outro aquilo que ele sabe a partir das “palavras geradoras”, do diálogo solidário e produtor de cultura – de uma nova cultura (FREIRE, 2005, p. 17).

Mas a educação que pode promover a libertação, não é uma educação qualquer. Como vimos, Paulo Freire chama de “bancária” a educação pela qual o educador “deposita” o saber na cabeça dos “educandos”. Estes devem escutar, obedecer e mostrar ao “mestre” que aprenderam os conteúdos ensinados, sendo o exame a retomada do conhecimento pretensamente apreendido. A relação professor/aluno é vertical. Para superar a educação bancária, Freire propõe o diálogo fundado no *logos* (a palavra) enquanto prática educativa. Com o diálogo, a relação não é mais entre um mestre e um aluno, mas entre pessoas que aprendem juntas, precisamente porque o “educando” não é uma “tabola rasa” sobre a qual o mestre “imprime” o conhecimento. O “educando” tem toda

uma história de vida, de experiências, de prática que é fundamental levar em consideração no processo educativo. Abre-se, assim, o caminho para a co-laboração (ação produtiva conjunta), para a convivialidade e para a síntese cultural, portanto, para a libertação. De “sujeito” (pessoa submetida), o educando passa a ser cidadão, apto a governar e a indicar a direção, o caminho a seguir. Assim, a educação torna-se libertadora (realiza a práxis: a reflexão e ação), pois desperta no indivíduo a criticidade, a capacidade de realizar a crítica – o juízo - do “sistema” e a denunciar a opressão (“da consciência ingênua à consciência crítica” transformadora). Dessa forma, o oprimido toma consciência de que a utopia pode se realizar e a esperança pode deixar de ser um princípio para se concretizar e, ele, excluído, passa a acreditar que tem condições de tomar o futuro nas próprias mãos e começar a lutar para transformar a realidade presente: trata-se de uma ação transformadora tornada possível pelo fato de que ele construiu o caminho que o levou da consciência mágica para a consciência crítica (FREIRE, 1974a). De certa maneira, o excluído passa a ser uma pessoa que não se “con-forma” com a sociedade tal como ela se apresenta, mas alguém que quer edificar um mundo novo e melhor. Trata-se, portanto, de uma educação que ajuda a transformar o mundo e a torná-lo mais humano (FREIRE, 1979).

Quando Paulo Freire fala sobre a “transformação do mundo” ele se refere aquele mundo absorvido pelo sistema capitalista de produção com a teoria que lhe dá legitimidade: o neoliberalismo (FREIRE, 2000), pois “ao lado do poder material, há sempre uma outra força, a ideologia, ela também material, que reforça o poder material do modo capitalista de produção” (FREIRE, 1995, p. 23).

No entanto, é fundamental que a educação não tenha qualquer obstáculo no seu caminho e a escola é um obstáculo, pois a escola é um aparelho ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1985) que não permite que a educação seja livre e libertadora. Por isso, Paulo Freire pensa nos **círculos de cultura** que, da mesma maneira que os “conselhos de fábrica”, de Gramsci, reúnem os iletrados em um ambiente de liberdade e de igualdade. Assim, a educação não se origina dos manuais didáticos oferecidos pelo Estado – intermediários entre a educação e o educando – pois, para Freire, “ninguém ensina nada a ninguém; os homens aprendem uns com os outros” (FREIRE, 1974). Nos círculos de cultura, espaços conviviais de ação pedagógica, o diálogo horizontal é o método,

o meio, o instrumento da comunicação entre os educandos e o “educador” é também um aprendiz.

Trata-se, portanto, de desescolarizar a educação para construir uma sociedade igualitária, mais humana e mais solidária.

A outra tese: desescolarizar a sociedade

Ivan Illich nasceu em Viena (Áustria), em 1926 e morreu em Bremen (Alemanha), em 2002. Autor de uma obra polêmica e lúcida, Illich critica o progresso e aquilo que lhe dá legitimidade: a satisfação de necessidades artificiais, no modo de produção capitalista. Nesta sociedade, a escola vem a ser uma “igreja educativa”. Urge, portanto, construir uma sociedade diferente – uma sociedade capaz de promover atitudes também diferentes nas pessoas, mudando de forma radical os instrumentos que são usados para educar os homens e as mulheres (ILLICH, 1990). Faz-se necessário “abrir o caminho para um futuro cenário do qual terão desaparecido as escolas organizadas segundo os modelos atuais” (ILLICH, 1975, p. 86-87). Isso porque as “escolas existem para graduar e, portanto, para degradar” (ILLICH, 1975, p. 92). Assim, “não há qualquer razão para manter uma tradição medieval que obriga o homem a se formar para o ‘mundo secular’, encarcerando-o em uma redoma sagrada, seja ela um convento, uma sinagoga ou uma escola” (ILLICH, 1975, p. 95). Portanto, a escola se opõe à liberdade, pois onde houver a escola não haverá lugar para a liberdade já que ela é a fábrica onde a dominação é produzida: “a escola, esta vaca sagrada, aumenta e torna racional a coexistência de duas sociedades, sendo uma colonizada pela outra” (ILLICH, 1975, p. 98). “Oprimida pela outra”, diria Paulo Freire.

Illich acredita que a escola moderna tornou-se a igreja “oficial dos tempos da secularização (que se opõe ao sagrado)...a qual tem por objetivo incorporar os indivíduos ao Estado industrial. Assim, nas Metrópoles, a escola tem sido a instituição integradora; nas colônias, ela inculca nas classes dominantes os valores do poder imperial e confirma nas massas o sentimento de inferioridade diante da elite escolarizada” (ILLICH, 1975, p. 103).

Assim, Illich acredita que “é urgente desescolarizar não somente a educação, mas também, a sociedade” (ILLICH, 1985, p. 23). Dessa maneira, constata que a desescolarização radical da sociedade

deve começar pela ação de desvelar o mito da escolarização criado pelos revolucionários culturais, deve continuar trilhando o caminho da libertação dos espíritos dos outros da homens da falsa ideologia da escolarização – ideologia que permite à escola domesticar as pessoas. Finalmente, chegará o estágio final e positivo da luta em favor da libertação da educação (ILLICH, 1975, p. 105).

A escola enquanto aparelho da sociedade civil a serviço da sociedade política (Estado), prepara o homem para se sujeitar à ordem estabelecida, pois é na escola que o estudante se submete aos “ritos de iniciação à ordem” os quais o conduzem ao batismo com a água da obediência dócil” (ILLICH, 1975, p. 101). Na medida em que a escola está a serviço da ordem estabelecida, ela é, para Illich, um “símbolo do status quo” (ILLICH, 1985, p. 105). Em uma palavra: a escola capitalista é um instrumento de cegueira e de opressão do ser humano, portanto, de desumanização.

Para Illich, a nova igreja do mundo é a indústria do saber, ao mesmo tempo “fornecedora do ópio e lugar do trabalho durante um tempo cada vez maior da vida da pessoa. A desescolarização está, assim, na raiz de qualquer movimento que tenha por objetivo a libertação do homem” (ILLICH, 1985, p. 87).

A sociedade de consumo tem necessidade da escola para formar consumidores, pois é uma instituição que “manipula os seres humanos” (ILLICH, 1985, p. 96). Assim, “sob o impacto da urbanização acelerada, as crianças vêm a ser uma fonte natural moldadas pelas escolas a fim de servirem de alimento para a máquina industrial” (ILLICH, 1985, p. 114). A escola introduz as crianças “no mito do consumo interminável” (ILLICH, 1985, p. 75) e o mito do consumo interminável “tomou na nossa sociedade o lugar preenchido pela fé no caminho para a vida eterna, na maneira cristã de pensar” (ILLICH, 1985, p. 82).

Dessa maneira, o homem comum moderno é um consumidor de produtos desnecessários cuja necessidade puramente artificial é estimulada na e pela escola. Isso porque a escola é parte do modo de produção capitalista e se “a participação em um sistema de produção foi sempre uma ameaça para a função profética da igreja, da mesma maneira ela representa uma ameaça para a função educativa da instituição escolar” (ILLICH, 1985,

p. 104). Portanto, desescolarizar a sociedade significa combater a escola atual enquanto aparelho a serviço do modo de produção capitalista. A escola capitalista não tem nada a ver com a “scholé” grega, lugar de ócio dignificante na qual os educandos se encontravam com a sabedoria e aprendiam, pelo diálogo, uns com os outros e todos com o filósofo (ILLICH, 1975). É urgente, assim, rechaçar a idéia difundida por toda a parte que “o homem social cresce somente dentro do útero escolar” (ILLICH, 1985, p. 115). Portanto, “acreditar que a educação somente ocorre na escola é a mesma coisa que confundir a salvação com a igreja” (ILLICH, 1985, p. 35).

Diante dessa crítica radical à escola, o que Illich propõe? Afinal, a sua reflexão não se limita a denunciar criticamente o papel da escola. Illich tem propostas concretas. Para ele, um sistema educacional precisa ter três objetivos: 1) dar a todos aqueles que querem aprender, a possibilidade de ter acesso aos recursos educacionais disponíveis, durante toda a vida; 2) capacitar a todos aqueles que querem partilhar seu saber, de maneira que eles encontrem pessoas que querem aprender com eles; 3) dar oportunidade a todos os que querem difundir seus conhecimentos, a possibilidade de torná-los conhecidos. Dessa maneira, os educandos “não serão obrigados a seguir um currículo obrigatório ou a serem discriminados porque não têm um diploma” (ILLICH, 1985, p. 28). Por isso, Illich propõe a criação de uma “rede de oportunidades” constituída de quatro ramos: 1) um serviço de consulta aos meios educacionais (bibliotecas, laboratórios, teatros etc.; 2) intercâmbio de habilidades que dêem oportunidade às pessoas de compartilhar suas aptidões; 3) teia de colegas – isto é, uma rede de comunicação que permita às pessoas apresentarem as atividades de aprendizagem nas quais elas querem se engajar para ensinar e aprender; 4) um serviço de consulta aos educadores em geral que podem e querem participar de um diretório, possibilitando o acesso ao seu endereço, ao seu currículum vitae etc., permitindo, assim, compartilhar os serviços (ILLICH, 1985).

Finalmente, Illich propõe que os latino - americanos dediquem

seu tempo, sua inteligência e sua imaginação na construção de ‘cenários’ que permitam uma corajosa redistribuição das funções educativas pela indústria, pela política e por uma intensa preparação dos pais para que eles se ocupem desde o início da educação dos filhos (ILLICH, 1985, p. 98).

Uma síntese

A última assembléia dos educadores latino-americanos, realizada em Buenos Aires, em 2005, propôs-se a refletir, estudar e discutir a situação da educação nos países do Sul do Continente latino-americano, mas em nenhum momento colocou em questão a escola atual. Este Congresso reuniu a Central dos Trabalhadores da Educação da República Argentina (CTERA), a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE – Brasil), o Colégio de Professores (Chile), a Associação dos Funcionários da UTU – AFTU e da Federação dos Nacional dos Professores do Ensino Secundário (Uruguai) e uma associação dos sindicatos dos professores do Canadá – Central dos Sindicatos do Quebec (CSQ), a British Columbia Teacher’s Federation (FEECEB) e a Ontário Secondary School Teacher’s Federation (FEESO). Os Anais do Congresso mostram que os temas mobilizadores dos educadores latino-americanos e canadenses foram: a situação das escolas, a forte influência do pensamento neoliberal sobre as políticas públicas da educação, o salário. Diante disso, não se pode deixar de formular a seguinte questão: será que o pensamento e as propostas de Paulo Freire e Ivan Illich pertencem a uma outra época?

Para Paulo Freire, em uma situação de colonialismo, o “outro” não é jamais reconhecido na sua alteridade. Ele tem somente uma existência funcional e vive na dependência, como nos mostra Friederich Engels no seu *Anti-Dühring* (referindo-se às relações de Robinson Crusoe e Sexta-Feira, do romance de D. Defoe). Assim, o homem freireano, reeducado, irá se descobrir plenamente responsável de seu destino e ao longo da vida procurará, com seus contemporâneos, o significado do processo de ser mestre do seu destino. Portanto, para Freire, não se ensina ao homem a dizer as palavras, mas ele mesmo aprende a “pronunciar” sua própria palavra cuja densidade de significado faz dele criador e portador da sua história. A palavra torna-se *logos*! Isto é, concretização. Por isso, a *paidéia*, pelo *logos*, pode realizar a *utopia* freireana (FREIRE, 1974b): a construção de uma sociedade na qual a liberdade não é simplesmente um vocábulo, mas uma realidade concreta. Podemos, ainda, afirmar que a educação como prática da liberdade, tem como elemento mediador a pedagogia do oprimido – a pedagogia libertadora. Dessa maneira, Paulo Freire propõe uma educação e uma prática educativa diferentes daquelas em vigor na América Latina fundadas na autoridade do “mestre” e na memorização

destituída da reflexão crítica, que a escola na sociedade capitalista tem a função de difundir. Para começar, ele desescolariza a prática educativa criando os *círculos de cultura* nos quais as relações são horizontais e onde os educandos são *colaboradores* no processo da ação educativa. Um círculo de cultura pode funcionar em qualquer parte: em uma igreja, no galpão de uma granja...sob uma árvore (“ À sombra dessa mangueira”, 1995). A desescolarização da educação para Paulo Freire, é fundamental, pois, na sua proposta de prática pedagógica, trata-se de mudar a sociedade e construir uma sociedade nova. E, a escola pertence a uma sociedade opressora na medida em que é expressão de um sistema econômico produtor de opressão e de marginalização. Por isso, os *círculos de cultura* são o “símbolo” de uma nova sociedade, livre, igualitária, solidária. Portanto, Paulo Freire pode defender uma *educação como prática da liberdade* e uma pedagogia que não se origina do opressor – uma *pedagogia do oprimido*, que é, na realidade, uma *pedagogia da esperança*, da utopia como ação revolucionária.

Nos **círculos de cultura** não é a cultura escolar, sistematizada, que conta, mas a cultura dos educandos, pois o processo de formação educativa começa pela escolha de palavras utilizadas por eles – *palavras que têm sentido* para eles. Assim, em lugar do livro, o que aparece é a palavra dos educandos.

Da mesma maneira, Ivan Illich defende uma nova educação para uma nova sociedade: uma sociedade sem escolas, que exige, conseqüentemente, uma educação desescolarizada, pois a existência da instituição escolar tem a ver com o sistema capitalista de produção, responsável pela degradação da consciência de homens e mulheres e pela degradação do planeta. Na obra **A celebração da consciência**, Illich lembra os “debates” que teve com Paulo Freire e da proximidade de seus pontos de vista. Na página quarenta e sete ele dá um testemunho sobre a importância da prática educativa freireana nos círculos de cultura: “Parecia-me que os participantes (os educandos) pegavam a realidade nas suas próprias mãos por meio de uma aprendizagem criativa na qual o diálogo era o instrumento de pesquisa e de produção de um novo conhecimento” (ILLICH, 1975, p. 47).

Illich e Freire se aproximam não somente pela crítica que fazem da sociedade na qual vivemos, mas, ainda pela posição que assumem com relação à função da escola e da educação, colocadas a serviço do sistema capitalista de produção e legitimadas pelo neoliberalismo. Aproximam-

se, ainda, porque anunciadores de uma nova sociedade e de uma nova educação, capaz de formar homens e mulheres que “sejam ao mesmo tempo autônomos e anárquicos, motivados, mas não-planejados, mas estimulados pelo entusiasmo revolucionário” (ILLICH, 1975, p. 71). Aproximam-se, também, pela crítica que tecem à escola e por suas propostas de novas práticas pedagógicas que são, ao mesmo tempo, libertadoras e formadoras do homem e da mulher, novos construtores da nova sociedade – uma sociedade de convivialidade, de diálogo, de solidariedade.

Vimos que o ponto de partida das reflexões e da prática de Paulo Freire e Ivan Illich são o homem e a mulher oprimidos pelo sistema capitalista de produção e seus aparelhos de difusão de concepções de mundo dos quais o mais importante é a escola. A solução? A libertação do ser humano começando pela libertação da educação. Para eles, é fundamental que denunciemos, hoje, a situação na qual homens e mulheres se encontram para que se possa ter um futuro de liberdade. Assim é possível *libertar o futuro*” (ILLICH, 1971), por meio de uma “*educação como prática da liberdade*” (FREIRE, 1971).

Ainda mais: tanto Illich quanto Freire denunciam a utilização da técnica e da tecnologia na medida em que a ciência está a serviço dos interesses de pequenos grupos de homens e de certos países (ILLICH, 1975; FREIRE, 1995). Para Freire, a técnica e a tecnologia devem ser colocadas a serviço das relações entre os seres humanos, das relações humanas (**Diálogo com Peter Mc Laren**, 1987); para Illich, é necessário que a técnica e a tecnologia sejam revisitadas pelo espírito do homem autônomo. Isso porque o homem na sociedade capitalista é heterônomo – perdeu a autonomia: depende de uma tecnologia que ele não domina: a energia nuclear, a auto-estrada, a genética, o genoma, os produtos químicos e biológicos. Ele depende de coisas que ele não construiu. Ele depende de um saber que ele não edificou.

Freire e Illich eram humanistas, isto é, homens preocupados com a situação dos seres humanos condenados a consumir cada vez mais, pois, para eles, vivemos em uma sociedade de consumo na qual os meios de formação de opinião e, entre eles, a **escola**, fazem-nos imaginar que temos “necessidades” e que essas “necessidades” são fundamentais para a vida individual e coletiva. A solução de Freire: a conscientização, a tomada de consciência, obra da educação nos *círculos de cultura* (FREIRE, 1979); a solução de Illich: a tomada de consciência da situação pela comunicação entre as pessoas, pela construção de *redes de convivialidade* (ILLICH, 1985).

Referências

- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- _____. **Conscientización: teoria y practica de la liberación**. Buenos Aires: Ed. Busqueda, 1974a.
- _____. **Las iglesias, la educación y el proceso de liberación humana en la historia**. Buenos Aires: Ed. La Aurora, 1974b.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.
- _____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1995.
- FURTER, P. **Dialética da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- ILLICH, I. **Educação e liberdade**. São Paulo: Ed. Imaginário, 1990.
- _____. **Libérer l'avenir**. Paris: Seuil, 1971.
- _____. **O direito ao desemprego criador**. Rio de Janeiro: Ed. Alhambra, 1978.
- _____. **Celebração da consciência**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.
- _____. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- JAEGER, W. **Paidéia**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1989.
- LAVAL, C. **L'école n'est pas une entreprise**. Paris : La Découverte, 2003.
- PLATÃO. **Gorgias**. São Paulo: Difel, 1970.
- PLATON. **La République**. Paris: Société d'édition "Les Belles-Lettres", 1948.

